

Caminhar o Ar, lembrar a Terra

Woniya – sentamo-nos juntos, não nos tocamos, mas algo está aí; sentimo-lo entre nós, como uma presença.

– JOHN FIRE LAME DEER

Ar

Caminhar pode ser entendido como uma forma de meditação. No caminho da terra e do ar, a escuta do corpo transporta-nos para um estado contemplativo onde permanecemos, ao mesmo tempo, em movimento e repouso. Contemplamos o interior e o exterior do corpo simultaneamente até que o contorno da pele se abre, devolvendo-nos a pertença que precede a lembrança: o ar.

A meditação pela caminhada abre o corpo à experiência do ar que respiramos. Também as árvores, os animais, as plantas, os minerais, os fósseis respiram o ar. Para Abram, o ar, na sua invisibilidade, é “o meio através do qual vemos tudo o resto no terreno presente”, diferentemente daquilo que reside debaixo da terra e se torna visível quando escavamos e desenterramos o passado, ou o que está para lá do horizonte e podemos alcançar quando desbravamos o futuro (2007: 232). Quando caminhamos o ar, onde o corpo acaba e a terra começa deixa de ser possível limitar. É nesse presente que respiramos o ar, enquanto a sua “presença sensível” é, para nós, “invisível” (Abram, 2007: 232). Para alguns povos indígenas, “lembrar o ar”, nas palavras de Abram, mostra o reconhecimento da sua presença e do seu carácter sagrado (2007: 233). O “reconhecimento do ar, do vento e da respiração” como o sustento invisível de todos os seres, o próprio elo de ligação entre eles sobre e debaixo da terra, a consciência dos homens e da terra, o sopro que anima as palavras e, também, a certeza da existência do ar, leva às mais variadas crenças e ensinamentos indígenas (Abram, 2007: 233). O ar é sagrado e a presença do presente que o ar nos dá, faz-nos não esquecer a terra.

Caminhar o Ar, lembrar a Terra significa tornarmo-nos presentes, juntos, no mundo humano e mais do que humano, através da presença sensível e invisível do ar. Nesse lugar de corpos-atmosfera da terra, o encontro entre seres orgânicos e inorgânicos deixa de ser ausente, separado e desconcertante.

Terra

Durante o caminhar, o fluxo circular e contínuo do ar que ritma o movimento da inspiração e expiração desenha a oscilação e a força axial do corpo sobre a terra. O caminhar acontece pela transferência do peso do corpo entre um pé e o outro. Pelo caminhar respirado compreendemos a terra. Segundo Lingis, “Os pés compreendem (*the feet understand*). Eles orientam o eixo do torso, eles conduzem as mãos erguidas” (1995: 11). Trata-se do conhecimento sensível quando lemos a terra pelas sensações na planta dos pés e os caminhos se abrem. Lemos a terra quando um pé descola e o outro toca, pesa e sente as pequenas pedras, o seu sustento e tremor. As sendas, às vezes, fendem porque a Terra quer e o caminhante também. Qualquer coisa que treme, perto de desmoronar. Mesmo sem destino, “os pés compreendem os perigos”, adianta Lingis, quando a laceração ameaça o caminho percorrido e o caminhante que o percorre (1995: 12). E agora, sucumbimos ou continuamos?

Se o centro do corpo voltar a mover-se sobre os pés e as pernas, o sacro ondula no plano horizontal e dialoga com a verticalidade da atracção para a terra e, simultânea, vontade de ar. A cada oscilação da força axial do corpo, os braços

pendulam e estendem-se para apreender o mundo; a boca, o som e as palavras; os olhos, o fumo invisível do ar.

Ana Mira (2018)

Referências bibliográficas:

Abram, David. *A Magia do Sensível*, Fundação Calouste Gulbenkian, trad. por João C. S. Duarte, Lisboa, 2007

Lingis, Alphonso. (s.t.) , In: *..and yet*, Dumas, Russell (ed.), Dance Exchange, Sydney, 1995.